

Autor: Germano Quintanilha Costa - Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

Título: O psicanalista diante de *uma* criança: a arte de *a-colher* o estranho.

Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabajos Libres

Situando nosso estudo no campo da psicanálise com crianças consideremos algumas questões centrais: O que é a psicanálise com crianças? O que sustenta o desejo de sermos analistas de crianças? O que essa clínica impõe e exige do analista?

Apesar dos grandes avanços existentes no campo da psicanálise com crianças, ainda hoje é possível escutarmos um discurso bastante infiel sobre esse campo: i) “*trabalhar com crianças é algo mais acessível às mulheres*”, ou, ii) “*começar um trabalho clínico é mais fácil com as crianças*.” Cabe, assim, perguntarmos: Qual é a razão para um discurso tão infiel?

Freud e Lacan nos mostraram que a fantasia é um recurso defensivo do psiquismo contra a angústia que é produzida quando o Real da estrutura psíquica vem à tona. Isso nos permite pensar que ao fantasiarmos a clínica com crianças em moldes românticos, estamos colocando um véu sobre sua verdadeira face.

Nossa proposta é pensarmos que a fantasia abre espaço para aquilo que Freud chamou de “resistência” e que Lacan situou como sendo também da parte do analista. A partir disso, propomos pensar a resistência e sua relação com a questão do “estranho”.

Encontramos na obra de Freud um conceito que ele chamou de “Unheimlich” e que pode ser traduzido como o “estranho”. Numa obra dedicada a este tema, Freud conclui que este afeto é solidário da angústia associada ao complexo de castração; e que ele não diz respeito a algo novo, mas sim a angústia da castração que fora recalcada.

Ao constatarmos que visões fantasiosas sobre a psicanálise com crianças apontam para uma resistência do próprio analista, podemos pensar que as fantasias que visam romantizar esta clínica servem para protegê-lo daquilo que lhe soa como “estranho”, ou seja, daquilo que tem a ver com o seu próprio recalque.

Proponho pensarmos que para um adulto, candidato à analista, o encontro com uma criança pode trazer à tona esse afeto da estranheza. Enxergando-se contra-transferencialmente na criança, o analista vê-se sem saber diante de sua própria infância recalcada e provavelmente das angústias a ela associada.

Sobre a angústia é mister considerarmos aquilo que Lacan revelou: *“a angústia é o afeto que não engana”* (Lacan, 2005). Ora, isso implica em pensarmos que existe algo que não engana quando uma criança está diante de um analista.

O que é isso então que existe na infância e que é capaz de retornar como angústia em um adulto?

O que existe para todo sujeito é uma condição infantil do psiquismo, daí o dito lacaniano o “adulto não existe”. A angústia envolvida nesta condição aponta para aquilo que Freud e Lacan foram unânimes em afirmar: o ser humano vem ao mundo sob a condição de um profundo e radical “desamparo”.

Em “Os complexos familiares”, Lacan salienta que o bebê humano nasce bastante prematuro, o que o faz extremamente desamparado e dependente do Outro. Sendo o instinto incapaz de responder às questões cruciais do ser humano, será pela via da pulsão que o sujeito vai se constituir, sendo que a pulsão é justamente o *“silêncio da anatomia em resposta às questões do sujeito”* (Saurret, 1998).

Será por um processo de erotização dos cuidados maternos – e do seu desejo aí implicado – que a criança passará do registro da necessidade orgânica para o campo de uma demanda de amor endereçada a este primeiro Outro que o cuidou. Instaurado este campo, a criança passa a não incorporar somente atributos alimentares, mas os significantes presentes no discurso deste Outro.

No entanto apesar de estar alienada a rede de significantes do Outro – condição essencial para a constituição subjetiva – isso não garante à criança um preenchimento daquele silêncio que chamamos de pulsão.

Qual é então a função de um analista diante de uma criança?

Segundo Lacan, para a formação de um psicanalista é preciso que um sujeito, causado por um desejo, possa caminhar por três instâncias: análise pessoal, supervisão e estudo teórico. Neste percurso o sujeito deve experimentar e elaborar

um saber sobre aquilo que a psicanálise nos revela: o psiquismo é estruturado de tal forma que o próprio sujeito não pode dispor de um acesso livre a sua verdade.

Atuar como psicanalista implica em sustentar, ou suportar, o vazio próprio deste discurso. Trata-se da famosa ignorância douda, dita por Lacan, como sendo a atitude necessária por parte de um analista: ele deve saber que não existe saber capaz de falar no lugar do sujeito, nem tão pouco um saber que possa esgotar sua verdade.

Certamente, reside aqui uma das mais complexas tarefas de um analista. Este se quiser sustentar essa função, terá que não excluir a angústia da sua escuta, nem do seu ato.

Qual é então a resistência que um analista pode encontrar diante de uma criança? A criança tem a particularidade de fazer saltar aos nossos olhos uma condição angustiante da existência: o desamparo; por isso, se não quisermos perder nossa função de analista teremos que irremediavelmente “*a-colher*” esse desamparo do sujeito.

Falo “*a-colher*” de modo proposital, para destacar o objeto da angústia segundo Lacan, o objeto *a*, que de objeto só tem o nome, porque sua consistência é a de um vazio.

Não falo de um acolhimento romântico, narcísico, do tipo “venham a mim as criancinhas”. Falo do ato do analista em sustentar, em dar suporte, a essa condição desamparada do sujeito infantil, evitando assim que análise seja extraviada para experiências de cunho pedagógico e normativo.

Cabe ao analista ter analisado sua própria infância para que possa, então, não criar resistência contra ao desamparo de seu analisando. Negando-se a atender a demanda transferencial, o analista não ocupará lugar de mestre para a criança, evitando assim que seu desamparo seja mascarado.

A função do analista é fazer a angústia da criança assumir uma voz, que não seja a voz do discurso parental, mas sim a expressão de sua condição de sujeito. A angústia da criança podendo assumir uma expressão em sua vida, isso a poupará dos muitos sintomas e desordens que podem lhe custar muito mais caro.

A criança, no momento de sua profunda alienação ao desejo do Outro, passa a viver a angústia de uma nova forma de desamparo: a falta de sentidos que possam completar o vazio enigmático do desejo do Outro.

Somente a castração simbólica poderá livrar a criança de tal impasse. O analista é, portanto, um facilitador da castração, é aquele que tentará auxiliar a criança na busca por uma saída mais plausível para seu Édipo e que desta forma possa não mais ser apenas um objeto do discurso do Outro, mas que possa usufruir desses significantes, de modo a construir um discurso que siga as trilhas de um processo de subjetivação.

BIBLIOGRAFIA:

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. O estranho (1919). Vol XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Lacan, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Maud, Mannoni. *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

Sauret. Marie-Jean. *O infantil e a estrutura*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise – SP, 1998.

Vieira, Marcus André. *A inquietante estranheza: do fenômeno à estrutura*. Latusa. Escola Brasileira de Psicanálise – RJ, 2000.